



O PRINCÍPIO FULBRIGHT

MIGUEL TAMEN
DIRECTOR DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A ideia mais antiga que tenho do programa Fulbright português é difusa. Lembro-me de, por volta de 1983 ou 1984, entrar num quarto ou quinto andar da Avenida Elias Garcia, em Lisboa, e passar uma manhã a ver catálogos de universidades. A impressão que recolhi foi a de que nunca tinha andado numa; como alguém que cresceu rodeado por zebras e vê pela primeira vez um burro.

Embarquei pouco depois num processo de selecção. Lembro-me mal dos pormenores a não ser dos problemas de lógica, e de uma entrevista em que quatro Portugueses falavam inglês entre si. Durante esse processo alguém corrigiu a minha ortografia e me explicou que 'Fulbright' não tinha dois 'll'.

Em fins de 1985 recebi uma carta a dizer que tinha ficado em suplente na lista dos seleccionados, creio que, nesse ano, onze ou doze. Era o único interessado em Humanidades; temiam que na América os meus interesses não fossem muito partilhados. Foi-me explicado que as hipóteses de ser admitido eram baixas, porque normalmente os candidatos com a minha pecha costumavam interessar-se por artigos portugueses. A minha motivação era porém estudar com uma pessoa de quem tinha lido um único artigo, mas sobre um outro assunto. Nunca me ocorrera sair de Portugal para estudar coisas portuguesas.

Foi por impudência que não fiquei espantado quando fui aceite em várias universidades. Apesar de eu não ter escolhido a mais conhecida, a Comissão Fulbright da Avenida Elias Garcia foi um modelo de *fair play*. Deram-me um guia



para os choques culturais, e organizaram para os catecúmenos uma sessão de orientação com duas pessoas em que muito mais tarde vim a reconhecer um ministro e um secretário de estado. Ambos se viriam a demitir. Gosto de imaginar que terá sido porque foram estudantes Fulbright.

O futuro secretário de estado explicou-nos que haveria uma altura em que iríamos começar a fazer as listas de compras em inglês. Os anos que passei nos Estados Unidos não melhoraram pouco a minha capacidade de escrever listas de compras em inglês. Falei também antes de partir com uma professora de matemática que tinha passado vários anos na minha universidade futura; recomendou-me uma loja de carros em segunda mão num sítio que não existia; alertou-me para vários perigos, onde reconheci depois séries de televisão que também tinha visto.

O meu doutoramento foi a única boa experiência que tive como aluno depois dos nove anos. A seguir apareceu uma possibilidade de emprego numa universidade americana. Era um tempo que hoje parece tão remoto como Fred Flintstone ou o profeta Isaías; os orientadores telefonavam aos empregadores. Havia depois uns almoços demorados, umas conversas sobre assuntos sem relação com o trabalho, e segundos telefonemas. Agora estima-se a transparência. Os candidatos a empregos universitários são entrevistados em quartos de hotel. As sentenças precedem os veredictos. Participei ao longo da vida em algumas destas cerimónias, embora sem orgulho.

Por razões pessoais voltei, no entanto, para Portugal, e, por graça, logo para uma universidade onde tinha sido pouco feliz. Percebi, quase a seguir, que tinha cometido um erro. O erro foi diagnosticado com a ajuda do livro sobre choques culturais que me tinha sido dado uns anos antes pela Comissão Fulbright. Passei os sete anos seguintes a tentar a remediá-lo.

Este período coincidiu com a segunda fase Fulbright na minha vida. Foi a fase em que, para alimentar um programa de pós-graduação, em cuja criação estive envolvido, fui muito ajudado pela Comissão Fulbright. Pudemos assim, a partir de princípios dos anos 90, começar a importar professores americanos, quase todos os anos, durante um semestre. Esse acordo ainda dura, embora os



candidatos já não sejam tão bons. A Fulbright está inocente; talvez na América esteja a passar o tempo das Humanidades, como já quase passou na Europa.

Trinta anos depois, os grandes filósofos e críticos literários, que eu comecei a admirar quando lia artigos de desconhecidos e fazia listas de compras em inglês, não teriam quaisquer hipóteses de sobreviver a uma entrevista profissional num quarto de hotel. Há uma sabedoria arcaica nos almoços de três martinis e na conversa de circunstância.

O princípio Fulbright, apesar das alterações na hotelaria, continua todavia a ser útil e bom. O princípio é: lançar pessoas numa selva intelectual variada e acreditar que qualquer coisa se venha a passar; não fazer muitas perguntas sobre o que possa vir a acontecer; confiar nas pessoas. A Europa tem muito a aprender com a selvajaria americana, a que, em qualquer caso, deve já mais de setenta anos de paz e prosperidade.